



O SIGNIFICADO DA MATERNIDADE PARA PRESIDÁRIAS
THE MEANING OF MOTHERHOOD FOR PRISONERS
EL SIGNIFICADO DE LA MATERNIDAD PARA LAS MUJERES EN PRISIÓN

Lannuzya Verissimo Oliveira¹, Gabriela Maria Cavalcanti Costa², Francisco Arnoldo Nunes de Miranda³

RESUMO

Objetivo: compreender o significado da maternidade para presidiárias. **Método:** estudo descritivo com abordagem qualitativa, realizado entre julho a dezembro de 2012 com 17 mulheres reclusas no Sistema Penitenciário do Estado da Paraíba/Brasil. Para a produção de dados, utilizaram-se um questionário sócio-demográfico e uma entrevista semiestruturada. A análise das informações foi sob a Técnica da Análise de Conteúdo. O projeto de pesquisa aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, protocolo nº 01340133000-12. **Resultados:** das falas extraíram-se as categorias << *Ser mulher* >>, << *Dádiva de Deus* >> e << *Processo de transformação* >>. **Conclusão:** o significado da maternidade associou-se ao cumprimento da função social imposta ao feminino, de modo que sendo as presidiárias mães, sentem-se, de fato, mulheres e, apesar de vivenciada em ambiente prisional, a maternidade se configura em benção divina, responsável por favorecer transformações em suas vidas. **Descritores:** Relação Mãe-Filho; Saúde-da-Mulher; Prisões; Penitenciárias.

ABSTRACT

Objective: understanding the meaning of motherhood by prisoners. **Method:** a descriptive study with a qualitative approach, conducted from July to December 2012 with 17 women inmates in the Prison System of the State of Paraíba/Brazil. For the data production there were used a socio-demographic questionnaire and a semi-structured interview. The analysis of the information was through the Technique of Content Analysis. The research had the project approved by the Research Ethics Committee, Protocol 01340133000-12. **Results:** from the lines there were extracted the categories << *Being woman* >>, << *Godsend* >> and << *Transformation process* >>. **Conclusion:** the meaning of motherhood was associated with the fulfillment of the social function imposed on women, so that the prisoner women being mother, they feel, in fact, women and although experienced in the prison environment, motherhood is configured in divine blessing, responsible for promoting changes in their lives. **Descriptors:** Mother-Child Relationship; Health-of-Woman; Prisons; Penitentiary.

RESUMEN

Objetivo: comprender el significado de la maternidad para las mujeres en prisión. **Método:** estudio descriptivo con enfoque cualitativo, realizado entre julio y diciembre de 2012 con 17 mujeres internas en el Sistema Penitenciario del Estado de Paraíba/Brasil. Para la producción de los datos, se utilizó un cuestionario sociodemográfico y una entrevista semi-estructurada. El análisis de la información estaba en la Técnica de Análisis de Contenido. El proyecto de investigación fue aprobado por el Comité de Ética en la Investigación, Protocolo 01340133000-12. **Resultados:** de las líneas se extraeron las categorías << *Ser mujer* >>, << *Regalo de Dios* >> y << *El proceso de transformación* >>. **Conclusión:** el significado de la maternidad se asoció al cumplimiento de la función social impuesta al femenino, por lo que las mujeres encarceladas son madres, se sienten, de hecho, las mujeres y, aunque con experiencia en el ámbito penitenciario, la maternidad se configura en la bendición divina responsable de promover cambios en sus vidas. **Descriptor:** Relación Madre-Hijo; Salud-de-mujer; Prisiones; Penitenciaría.

¹Enfermeira, Mestre, Universidade Estadual da Paraíba/UEPB. Campina Grande (PB), Brasil. E-mail: lannuzyacg@hotmail.com; ²Enfermeira e Psicóloga, Professora Doutora, Universidade Estadual da Paraíba/UEPB. João Pessoa (PB), Brasil. Email: gabymcc@bol.com.br; ³Enfermeiro, Professor Doutor, Departamento de Enfermagem, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem - Mestrado e Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte/PPGENF/UFRN. Natal (RN), Brasil. E-mail: farnoldo@gmail.com

INTRODUÇÃO

A maternidade, qualidade ou condição de ser mãe¹, constitui-se, no imaginário popular, no maior sonho e sua confirmação, a plenitude na vida das mulheres,² no entanto, contesta-se a premissa de que o amor materno é instintivo e inato às mulheres, sendo o vínculo criado entre mães-filhos e até mesmo o desejo pela maternidade construído e reforçado sócio-culturalmente.³

A invenção da maternidade faz parte de um conjunto de influências que afetaram as mulheres a partir do final do Séc. XVIII, tais como: o surgimento da ideia de amor romântico; a criação do lar e a modificação das relações parentais. Nessa época, o discurso de médicos europeus estimulando que as próprias mulheres cuidassem e amamentassem seus filhos e o quão tal tarefa lhes seria gratificante foi preponderante na construção do papel da boa mãe.⁴

Se o desejo da maternidade é influenciado socialmente, a quem interessa que tal fato ocorra? A maternidade uma estratégia de controle estatal, pois caberia a mulher não só a reprodução, mas a educação dos filhos que futuramente serviriam ao Estado, perpetuando as relações de poder entre os sexos. O incentivo a maternidade se configurava em um amplo movimento de construção das chamadas sociedades disciplinares, por esta razão reforçava-se no imaginário social que as mulheres, por sua constituição física, biológica e psicológica, não poderiam ocupar-se da política ou defender a nação, cabendo-lhes a sublime tarefa da maternidade.⁴⁻⁶

A maternidade como vocação feminina exclusiva é um fenômeno moderno, reinventado por classes dominantes no decorrer do séc. XX, com objetivo de suprir as necessidades impostas pela industrialização e pela urbanização.⁶

Ressalta-se que as mudanças nas concepções relacionadas à maternidade e às implicações sociais decorrentes dessa experiência não atingem da mesma forma todas as mulheres, países e culturas, apesar de existir um modelo de maternidade preponderante nas sociedades ocidentais contemporâneas⁶. Indubitavelmente, a mãe traz consigo toda uma identidade de relações socioculturais cultivadas em seu ambiente familiar, associada à influência do meio onde vive, capazes de modelar as relações de maternidade.²

Mediante tais considerações questiona-se acerca da maternidade para presidiárias, e apesar desta temática suscitar inúmeras

reflexões no âmbito das políticas públicas e da assistência a saúde materno-infantil, propõe-se neste estudo discutir tal fenômeno sobre a perspectiva das presidiárias, apreendendo as significações que permeiam esta vivência. Por significado entende-se a interação de pensamentos e experiências responsáveis por estruturar as ações cotidianas, os modos de vida, inclusive motivando os cuidados com a saúde.⁷

O estudo justifica-se por valorizar o aumento significativo de mulheres presas no país, em média, 12% ao ano no Brasil, mulheres em sua maioria jovens, em idade reprodutiva, o que conseqüentemente torna a maternidade uma situação recorrente no cárcere.⁸

Frente ao exposto, o estudo tem como objetivo:

- Compreender o significado da maternidade para presidiárias.

CAMINHO METODOLOGICO

Estudo descritivo, com abordagem qualitativa⁹, realizado entre os meses de julho a dezembro de 2012, nas quatro penitenciárias femininas subordinadas à Secretaria de Administração Penitenciária da Paraíba: Instituto de Recuperação Feminina Maria Júlia Maranhão; Penitenciária Feminina de Campina Grande; Presídio Feminino de Patos e Penitenciária Padrão de Cajazeiras, as quais abrigavam, no período da coleta de dados, respectivamente, 420, 57,61 e 24 mulheres em regime fechado.

A amostra foi flexível e encerrada com 17 mulheres, segundo recomendações do Método da Saturação Teórica.¹⁰ Foram adotados como critérios de inclusão: cumprir pena em regime fechado e compartilhar a prisão com filho ou com história anterior de compartilhamento.

As instituições prisionais pesquisadas foram visitadas em momentos distintos. Por meio desses, foi possível compreender a rotina da instituição, dando início, paulatinamente, a inserção no cenário da pesquisa. A coleta ocorreu mediante agendamento, em horário conveniente e em espaço físico indicado pela direção, sob a supervisão direta do agente penitenciário, atendendo recomendação institucional. Como instrumentos de coleta foram utilizados um questionário sociodemográfico com finalidade de caracterizar os sujeitos da pesquisa e uma entrevista com roteiro semiestruturado.

Após a transcrição das entrevistas, procederam-se leituras exaustivas do material, para a identificação de categorias extraídas dos textos que respondessem ao objetivo do estudo, de maneira que se

realizou a pré-exploração do material coletado, a seleção de unidades de análise e, por fim, o processo de categorização e subcategorização, segundo proposta da Análise de Conteúdo.¹¹

Os preceitos éticos da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) foram rigorosamente cumpridos. Para resguardar o anonimato dos sujeitos da pesquisa, bem como das instituições prisionais foi adotado um sistema de identificação por códigos alfanuméricos, de conhecimento apenas da pesquisadora. A coleta foi iniciada após o projeto ter sido apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba, sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética - CAAE nº 01340133000-12 e as participantes do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

◆ Caracterização dos Sujeitos

No que tange a caracterização das participantes a amostra foi composta majoritariamente por mulheres entre 18 a 25 anos (52,9%). Estudos relatam que a população feminina presa é composta predominantemente por adultas-jovens.^{8,12}

Quanto ao estado civil, em sua maioria, declararam-se solteiras (47%), condição que possivelmente decorre do abandono familiar, pois, ao contrário do que ocorre nos casos do aprisionamento masculino, em que as esposas oferecem suporte financeiro e afetivo durante todo o cumprimento da pena, as mulheres são frequentemente abandonadas pelos seus conjugues após o aprisionamento.⁸

A maioria possuía de 1 a 3 filhos (70,5%), tendo sido mães pela primeira vez, em média, aos dezesseis anos. A gravidez precoce, e muitas vezes indesejada pode contribuir com a interrupção dos estudos e dificultar a inserção no mercado de trabalho formal.¹³ Tal assertiva converge para os dados elucidados neste estudo, que demonstra uma maioria de participantes com ensino fundamental incompleto (47%) e que não possuíam profissão (64,7%).

Declararam não professar nenhuma religião (52,9%). Torna-se válido considerar a importância da religião como suporte emocional, instrumental e informativo¹⁴. Logo, a falta de um suporte/crença religiosa pode favorecer a transgressão das normas e regras sociais, o que por sua vez, propicia o aprisionamento.

Declararam fazer uso de álcool e/ou outras drogas antes do aprisionamento (70,5%),

assertiva confirmada em estudo que demonstra considerável associação entre o encarceramento e uso de álcool e/ou drogas.¹⁵

Quanto ao aprisionamento, a maioria das mulheres foi presa por envolvimento com tráfico de drogas (76,4%), considerada principal causa de encarceramento feminino em nível global.¹⁶ O estudo revela também que as apenadas eram, majoritariamente, reincidentes (52,9%) e em situação jurídica provisória (58,8%). A reincidência explica-se, dentre outros motivos, pela dificuldade na implementação de ações efetivas de ressocialização para as apenadas¹⁷. Por sua vez, a morosidade da justiça brasileira, observada pela predominância de apenadas aguardando designação jurídica, corrobora com a precarização do sistema prisional brasileiro.¹⁸

Infere-se que os sujeitos desta pesquisa demonstram perda de vínculos sociais e familiares, ausência de perspectivas quanto ao futuro, reincidência criminal, estigma social, subemprego, pobreza e drogas, características que, por sua vez, predispõe ao encarceramento.⁸

◆ Categorias

A análise das falas que emergiram nas entrevistas sob a ótica da Técnica de Análise de Conteúdo¹¹ possibilitou a organização de três categorias: ser mulher, dádiva de Deus e processo de transformação. As categorias supracitadas versam sobre o significado da maternidade para os sujeitos da pesquisa, a primeira dispõe sobre a maternidade enquanto cumprimento das funções sociais impostas às mulheres, a segunda discute a associação entre a maternidade e bênçãos divinas e, por fim, a terceira categoria traz falas que apresentam associação entre a maternidade e transformações na vida e no ser materno, conforme disposto a seguir:

◆ Categoria 1- Ser mulher

Nesta categoria apresentam-se falas que transmitem a associação entre a maternidade e o cumprimento da função social feminina, de modo que a maternidade assume significação positiva, de valorização e reconhecimento social. Como nas falas seguintes:

É uma coisa muito especial pra mim. É uma vida que estou botando no mundo, isso pra mim é muito importante. [Ser mãe aos 14 anos]. É uma sensação boa ser mãe, mas foi difícil porque era o meu primeiro filho, mas eu amo meu filho. (8-Ω)

É muito importante né? a gente ter uma família, que nem eu que não tenho meus filhos pra mim é tudo (1-a)

Ser mãe é ser tudo, eu acho. É ser uma super mulher. (9-Ω)

Nas sociedades patriarcais, prezava-se por uma mulher submissa aos conhecimentos e decisões masculinas, agradáveis, pacatas e assexuadas, sendo o corpo feminino responsável meramente pela geração, manutenção da vida e perpetuação dos costumes socialmente pré-estabelecidos⁴.

Recaía sobre as mulheres, uma forte carga de pressões acerca do comportamento pessoal e familiar desejado.⁴ e, ainda que as mulheres tenham se destacado em múltiplas áreas nas últimas décadas, a definição do gênero feminino permanece tradicionalmente relacionado à esfera familiar e à maternidade.¹⁹

Alguns aspectos são elucidados nas falas das participantes deste estudo, como a manifestação de orgulho por sua fertilidade, em detrimento àquelas mulheres que não podem gerar filhos. A fertilidade por sua vez, possibilita a construção familiar, outro mérito sociocultural atribuído às mulheres⁶ e a percepção de tal construção a partir da maternidade é motivo de satisfação, como se evidencia na fala:

Eu gostei. É bom. Sei lá, ser mãe é uma coisa muito boa né? Tem gente aí fora que tem vontade de ser mãe e não pode. (1-B)

A maternidade é imposta socialmente à mulher para que esta seja considerada normal⁴. E, mesmo que sejam observadas transformações nas concepções e práticas relacionadas à infertilidade, fundamentadas principalmente no avanço do conhecimento médico, histórico e culturalmente, a condição de infértil tem se constituído em um sofrimento para as mulheres, atravessando séculos de história e rompendo limites geográficos e culturais²⁰. Possivelmente, por estes motivos, as mães entrevistadas, manifestaram contentamento pela capacidade de ter gerado filhos e assim construir uma família, cumprindo o principal papel da mulher: ser mãe.

Outro aspecto ressaltado nas falas é a maternidade na adolescência, conforme segue:

Pra mim eu acho que é a melhor coisa na vida de uma mulher, não tem nem como explicar... eu morria de medo de não poder ter filho, apesar de eu ter engravidado cedo e não ser planejado, foi a maior felicidade da minha vida. Eu tinha muito medo de não poder ser mãe, acho que é o pior castigo pra uma mulher é não poder ter um filho, dizer assim é meu, saiu de dentro de mim. (5-Ω)

Fui mãe aos 14 anos. É uma sensação boa ser mãe, mas foi difícil porque era o meu primeiro filho, mas eu amo meu filho. (8-Ω)

Para as entrevistadas, apesar de a gravidez precoce implicar em algumas dificuldades, a maternidade permeia-se de significações positivas, associadas a um nascimento social.

Considera-se a gravidez na adolescência um problema de saúde pública, estando comumente associada a riscos para a saúde da mãe e da criança, todavia, estudos demonstram que as repercussões da maternidade para adolescentes nem sempre são negativas e limitantes²¹, ao contrário, principalmente nos setores populares, a maternidade é idealizada e concebida como um salto qualitativo na vida da mulher funcionando como forma de re-significar a vida²².

Ademais, esclarece-se que tais significações sobre a maternidade resultam de estudo desenvolvido no ambiente prisional, este por sua vez, traz em sua construção um caráter punitivo/religioso, que associa a ressocialização da mulher à manifestação de prendas domésticas, destacando-se a devoção materna.²³ Talvez por esse motivo, mesmo que a mulher não tenha desejado ser mãe evita manifestar essa ideia em palavras devido ao receio da culpabilização e/ou reconhecimento de desumanidade.

Portanto, é preciso considerar que a ocorrência da maternidade em um ambiente pontuado por oportunidades restritas, pode adquirir centralidade, impondo-se muitas vezes, como uma (entre poucas) alternativa de vida para as mulheres.²²

◆ Categoria 2- Dádiva de Deus

A religiosidade vem sendo destacada como uma das formas mais utilizadas pela população para expressar e elaborar a integração das dimensões racional, emocional, sensitiva e intuitiva, usualmente aplicada para explicar as bênçãos recebidas e os sabores vividos²⁴. E, embora grande parte das participantes deste estudo tenham se declarado não religiosas, atribuíram a maternidade um significado divino. Conforme sugere as seguintes falas:

Ser mãe pra mim é uma coisa muito importante, porque é uma coisa de DEUS, pra mim só quem pode tirar da gente é DEUS. Tanto ele dá quanto ele toma é ótimo ser mãe. É muito felicidade, é muito aperseio, mas é ótimo ser mãe. (2-a)

Uma dádiva de DEUS. Não existe nenhum sentimento similar, a maternidade é única. Cada filho meu é um tesouro. É tudo que eu tenho e que realmente valeu a pena. Meus filhos, minha razão de viver. (4-γ)

É ser assim, é ganhar uma dádiva de DEUS, que nem todo mundo pode ser mãe, ser mãe é ser privilegiada por DEUS, é tudo de bom. (9-Ω)

A não-maternidade assume diversos significados, particulares para as diferentes mulheres e, ainda, mobiliza emocionalmente cada uma delas, a medida em que não ter filhos implica em não realizar um potencial, em desviar-se de uma norma social e cultural, e em instaurar uma significativa (e incômoda) diferença daquelas mulheres-mães². Delega-se, portanto, à mulher a função da maternidade como sendo algo necessário para se alcançar a felicidade plena⁴.

A infertilidade é considerada, por muitas mulheres, como castigo e remissão dos pecados, por sua vez, a maternidade é compreendida como uma dádiva de Deus²⁵. Logo, compreende-se o motivo pelo qual as mulheres entrevistadas se considerem abençoadas pelo privilégio de tornarem-se mães.

A maternidade enquanto benção concebida divinamente ancora-se na significação da gravidez como algo bom, associada à satisfação das mulheres com a possibilidade de engravidar²⁵. Acrescente-se ainda que em geral, na visão cristã, compreende-se a maternidade como uma espécie de redenção e está associada à santidade, ao altruísmo e abnegação, inclusive no âmbito sexual,³ portanto, não se pode dissociar o significado da maternidade enquanto benção divina ao de maternidade enquanto função social, visto que se considera a maternidade uma benção, pois a sociedade respeita e trata com zelo aquelas que são mães. Talvez por este motivo diversos estudos, realizados em contextos sociais distintos, para mães em liberdade ou presidiárias, demonstram que a maternidade, para a maioria das mulheres, é associada a um dom divino e a uma obrigação social⁶.

♦ Categoria 3- Processo de transformação

Tornar-se mãe nem sempre é um ato de escolha verdadeiramente consciente, não sendo raros os casos em que a maternidade ocorre por falta de planejamento²⁶. Porém, estudiosos afirmam ser a maternidade um dos processos de transformação mais eloquentes na vida das mulheres^{21,22}. Semelhantemente aos estudos supracitados, para as participantes deste estudo, a maternidade constitui-se em um processo de transformação, conforme se observa nas falas que seguem:

Ser mãe é a melhor coisa que tem no mundo, a pessoa ter os filhos da pessoa, tomar de conta, é bom, a pessoa tem mais responsabilidade, porque quando eu não era mãe eu não tinha responsabilidade com nada não, eu mudei por causa da maternidade(3-a)

Ser mãe é muito bom. É quando se adquire responsabilidade, tudo que se faz, pensa primeiro no filho, não há egoísmo para uma mãe, eu me tornei outra pessoa quando fui mãe, bem melhor, e apesar de me encontrar aqui..., eu sinto que sou importante pra alguém quando penso em minha filha e quando olho pra meu filho, eles precisam de mim. O nascimento do meu filho me resgatou da vida que eu tinha[...] (3-Ω)

Essas falas enfatizam que a realização dos cuidados com os filhos, tarefa historicamente atribuída às mães²⁷, propiciou o desenvolvimento de responsabilidades e, conseqüentemente o amadurecimento materno. Além da responsabilidade adquirida com a maternidade, as falas sinalizam que a vivência da maternidade transformou-as em pessoas melhores, a preocupação com os filhos corrobora com o desenvolvimento de um caráter altruísta, resultado que converge para outros estudos.²⁸⁻⁹

Ressalta-se também a capacidade que a maternidade tem em oferecer um resgate à vida das mães, sobretudo quando inseridas em um ambiente permeado por violência, marginalidade, uso abusivo de drogas e, por vezes, prostituição, como aquele usualmente encontrados nos estabelecimentos prisionais.⁸ A maternidade, nesse caso, pode favorecer a reflexão no tocante a necessidade da mudança. Mesmo porque mães presas demonstram preocupação com o exemplo que possam representar para seus filhos.²³

Salienta-se que nem o amor materno, nem a indiferença materna são atitudes universais, pois em todos os tempos existiam mães dedicadas e mães negligentes para com seus filhos, não sendo nem uma, nem outra atitude, inatas, mas construídas.³⁰ Destarte o processo de transformação proporcionado pela maternidade e evidenciado nas falas das entrevistadas, provavelmente é influenciado pela vivência desta maternidade em privação de liberdade.

Sabe-se que as prisões femininas revelam a vinculação histórica do discurso moral e religioso com formas de aprisionamento da mulher, excluindo e marginalizando as que contrariavam as premissas sociais aceitáveis. Acrescente-se também, que o sentimento de culpa materno, por impor ao filho a permanência no ambiente prisional-reconhecidamente insalubre, pode influenciar o esforço da mãe para transformar-se positivamente.²³

A maternidade pode representar um momento de redefinição de papéis para a mulher, acrescente-se que quando vivenciada no ambiente prisional, funciona como o resgate da identidade, da bondade e a postura

de boa mãe favorece a aquisição, embora temporária, de regalias.²³

Outrossim, mesmo em condições adversas, a maternidade pode fornecer um novo sentido na vida das mulheres que são mães, a medida que percebem nos filhos um meio de suprirem suas próprias necessidades. Para mulheres presas, essas necessidades são muitas, mas destaca-se a necessidade de afeto e manutenção de vínculo familiar, sendo a presença dos filhos fatores que promovem, em algumas situações, a manutenção do elo com os demais parentes.²³

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apreendeu-se que o significado da maternidade para presidiárias associa-se ao cumprimento da função social imposta ao feminino, assim, tornando-se mães, percebem-se de fato, mulheres. E ainda que vivenciada em condições desfavoráveis, a maternidade se configura em benção divina, responsável por favorecer transformações positivas em suas vidas, a saber: amadurecimento e aquisição de responsabilidades.

Para as participantes deste estudo a maternidade possui significados semelhantes aos demais estudos encontrados na literatura em geral, realizados com mulheres em liberdade, com conotações de satisfação pessoal, resgate pessoal e bênçãos. Não obstante, é válido refletir que nas prisões, as atividades coletivas são muito comuns, fazendo com que o privado, singular, íntimo e particular fique quase que inexistente, talvez por este motivo as falas apresentadas pelas participantes deste estudo se apresentaram tão homogêneas.

Acrescente-se também a influência sociocultural no contexto prisional, onde há estreita relação entre os indivíduos que manifestam características de boa mãe e a possibilidade de ressocialização, o que consequentemente garante, mesmo que temporariamente regalias às presidiárias.

A escassez de estudos acerca da temática aqui abordada, na literatura das Ciências da Saúde constituiu-se limitação desta pesquisa. Embora os dados forneçam uma descrição rica do significado da maternidade para estas 17 mulheres, as generalizações são totalmente limitadas. Novos estudos que abordem o tema necessitam ser realizados, incluindo aprofundamento sobre a assistência de saúde prestada ao binômio mãe/filho no ambiente prisional, com ênfase na investigação acerca do papel da enfermagem no cuidado a essa população. Almeja-se que os conhecimentos produzidos suscitem melhorias na assistência

às presidiárias atendendo as suas reais necessidades, considerando o universo social e cultural das prisões como um cenário real de enfrentamento das diversas questões de seu ciclo de vida.

REFERÊNCIAS

1. Barcinski M. Mulher no tráfico de drogas: a criminalidade como estratégia da invisibilidade social feminina. Contextos Clín Online [Internet]. 2012[cited 2013 Dec 12];5(1):[about 5 p.]. Available from: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1983-34822012000100007&script=sci_arttext.
2. Brasil. Ministério da Justiça. Departamento Penitenciário Nacional- Sistema Integrado de Informações Penitenciárias - INFOPEN [Internet]. 2014 [cited 2013 Dec 12]. Available from: <http://infopen.gov.br>
3. Mizon CV, Danner GK, Barreto DJ. Sistema prisional: conhecendo as vivências da mulher inserida neste contexto. Arq Cienc Saúde UNIPAR Online [Internet]. 2010[cited 2013 Dec 12];18(1):71-81. Available from: <http://revistas.unipar.br/akropolis/article/view/File/3118/2212>.
4. Brasil. Governo do Estado da Paraíba. Secretaria de Administração Penitenciária. População Carcerária. Paraíba: PB; 2013.
5. Borges PCC (org). Sistema penal e gênero: tópicos para emancipação feminina. São Paulo: Cultura Acadêmica; 2011.
6. Moreira VS, Neri MS, Moreira VS, Silva BS, Sampaio CO, Menardo MLB. O fenômeno das drogas entre presidiárias: características da produção científica nacional. Ciênc Desenvolv [Internet]. 2013[cited 2013 Dec 12];6(2):53-64. Available from: <http://srv02.fainor.com.br/revista/index.php/memorias/article/view/235>
7. Gomes MEA, Guimarães JMX, Sampaio JJC, Pacheco MEAG, Coelho MO. Concepções e vivências da sexualidade: um estudo com usuárias da estratégia saúde da família. Rev Baiana Saúde Pública [Internet]. 2010[cited 2013 Dec 12];34(4):919-34. Available from: <http://inseer.ibict.br/rbsp/index.php/rbsp/article/viewFile/83/89>.
8. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Ciência e Tecnologia. Agência Nacional de Prioridades de Pesquisa em Saúde. 2nd ed; 2008.
9. Bardin L. Análise de Conteúdo. São Paulo: Edições 70; 2011.
10. Brasil. Ministério da Justiça. Departamento Penitenciário Nacional. Mulheres Encarceradas: Diagnóstico Nacional. Consolidação dos dados fornecidos pelas Unidades da federação. Brasília: Ministério da Justiça; 2011.
11. Oliveira LV, Costa GMC, Medeiros, KKAS, Cavalcanti AL. Epidemiological profile of female

detainees in the Brazilian state of Paraíba: a descriptive study. Online Braz J Nurs [Internet]. 2013[cited 2013 Dec 12];12(4):[about 5 p.]. Available from: <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/4284>

12. Ribeiro SG et al. Gynecologic and obstetric profile of state imprisoned females. Texto contexto enferm [Internet]. 2013[acesso em 2014 fev 05];22(1):13-21. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072013000100002&lng=en&nrm=iso

13. Scherer ZAP, Scherer EA, Nascimento AD, Ragozo FD. Perfil sociodemográfico e história penal da população encarcerada de uma penitenciária feminina do interior do estado de São Paulo. SMAD Rev Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog Online [Internet]. 2011[cited 2013 Dec 12];7(2):55-62. Available from: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762011000200002&lng=pt&nrm=iso

14. Chauí M. Repressão Sexual: essa nossa (desconhecida). 11th ed. São Paulo: Brasiliense; 1989.

15. Foucault M. Histoire de la sexualité: la volonté de savoir. Paris: Gallimard; 1976.

16. Freitas KR, Dias SMZ. Percepções de adolescentes sobre sua sexualidade. Texto contexto enferm Online [Internet]. 2010[cited 2013 Dec 12];19(2):351-7. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072010000200017&lng=en&nrm=iso

17. Sales JCS, Araújo MPR, Coelho MC, Luz VLES, Silva TCA, Junior FJGS. Sexualidade de pessoas quem vivem com hanseníase: percepção e repercussões. J Nurs UFPE on line [Internet]. 2013[cited 2013 Dec 12];7(2): 460-6. Available from: http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/viewFile/3654/pdf_2020

18. Gonçalves RL, Bezerra JMD, Costa GMC, Celino SDM, Santos SMP, Azevedo EB. The experience of sexuality through the view of women during pregnancy. J Nurs UFPE on line [Internet]. 2013[cited 2013 Dec 12];7(1):199-204. Available from: <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/viewArticle/3336>

19. Oliveira DM, Jesus MCP, Merighi MAB. Climatério e sexualidade: a compreensão dessa interface por mulheres assistidas em grupo. Texto contexto enferm Online [Internet]. 2008[cited 2013 Dec 12]; 17(3):519-26. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000300013&lng=en&nrm=isso

20. Gozzo TO, Fustione SM, Barbieri M, Roher WM, Freitas IA. Sexualidade feminina:

compreendendo seu significado. Rev Lat-Am Enferm Online [Internet]. 2000[cited 2013 Dec 12];8(3):84-90. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-1169200000300012&script=sci_abstract&lng=pt

21. Castro MG, Abramovay M, Silva LB. Juventudes e sexualidade. Brasília (DF): UNESCO; 2004.

22. Barcinski M. Expressões da homossexualidade feminina no encarceramento: o significado de se "transformar em homem" na prisão. Psico-USF [Internet]. 2012[cited 2013 Dec 12];17(3):437-46. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-82712012000300010&script=sci_arttext

23. G1 Paraíba. Detentos homossexuais da Paraíba passam a poder ter visita íntima. 2012 [cited 2013 Dec 12]. Available from: <http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2012/04/detentos-homossexuais-da-paraiba-passam-poder-ter-visita-intima.html>.

24. Trindade WR, Ferreira MA. Sexualidade feminina: questões do cotidiano das mulheres. Texto contexto enferm [Internet]. 2008[cited 2013 Dec 12];17(3):417-26. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000300002

25. Chies LAB. A prisão dentro da prisão: uma visão sobre o encarceramento feminino na 5.^a região penitenciária do rio grande do sul [Internet]. IN: 26.^a Reunião Brasileira de Antropologia, Porto Seguro (Bahia). Porto Seguro; 2008[cited 2013 Dec 12]. Available from: http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=2206&Itemid=171

26. Viafore D. A gravidez no cárcere brasileiro: uma análise da Penitenciária Feminina Madre Pelletier. Direito & Justiça [Internet]. 2005[cited 2013 Dec 12];31(2):91-108. Available from: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/face/ojs/index.php/fadir/article/viewArticle/571>

27. Kloch H, Barreto WP. Os direitos da personalidade e a integridade dos detentos nas penitenciárias do estado de Santa Catarina. Rev juríd CESUMAR Mestr [Internet]. 2007[cited 2013 Dec 12];7(1):251-76. Available from: <http://www.cesumar.br/pesquisa/periodicos/index.php/revjuridica/article/viewArticle/526>

Submissão: 23/07/2014

Aceito: 24/01/2015

Publicado: 15/02/2015

Correspondência

Vanessa Giuliani de Freitas Mesquita
Rua Manoel Alves de Oliveira, 793 / Bl. A / Ap. 203
Bairro Catolé
CEP 58410-575 – Campina Grande (PB), Brasil